

letrônica

O cânone em questão

Durante os anos 1980 e 1990, a polêmica sobre o cânone foi quase ubíqua na universidade norte-americana. O esforço de revisão do cânone começara nos anos 1960, com o fortalecimento dos movimentos civis e feministas. Porém, a partir da “Revolução Conservadora”, impulsionada pela posse do republicano Ronald Reagan como presidente dos Estados Unidos (1981), começou um processo de defesa dos valores do cânone tradicional. Dessa reação, o livro mais importante foi, sem dúvida, *O cânone ocidental*, de Harold Bloom.

Tendo como ponto difusor a academia norte-americana, as discussões sobre o cânone espalharam-se por todo o mundo, no rastro das discussões sobre a história e a história da literatura. Questões como o que é a história e qual a sua função entraram na ordem do dia. O teórico Hans Ulrich Gumbrecht chegou a perguntar: Devemos continuar a escrever histórias da literatura?¹

Evidente que sim, respondemos – porém, não mais como antes. As novas histórias da literatura deverão ser, nas palavras da professora Heidrun Krieger Olinto, “mil e uma histórias da literatura”, histórias múltiplas, diversificadas, rizomáticas. Estas novas histórias, por sua vez, engendram tantos novos cânones. Como escreve Siegfried J. Schmidt, “‘sentido’, ‘significado’, ‘relevância’ e ‘valor’ são construções dependentes do sujeito”².

¹ “Shall we continue to write histories of literature?” *Anais do VI Seminário Internacional de História da Literatura*. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, vol. 12, n. 1, out 2006.

² SCHMIDT, Siegfried J. “Sobre a escrita de histórias da literatura”. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura – as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 115.

Assim, partindo de diferentes pontos de vista, de diferentes sujeitos produtores de discurso, novos e múltiplos cânones são criados – assim como surgem novas e múltiplas abordagens para a própria questão do cânone.

Os trabalhos ora recolhidos no dossiê “O cânone em questão”, na Revista *Letrônica*, representam estas novas e múltiplas abordagens. O primeiro texto, de Ana Cláudia Munari, investiga diferentes propostas para a história da literatura, do construtivismo aos Estudos Culturais. Continuando num viés teórico, o texto de Daniela Silva propõe o ensaio de Borges, “Kafka e seus precursores”, como chave de interpretação para a história da literatura e para a constituição do cânone.

Um segundo grupo de artigos aborda a constituição do cânone da literatura brasileira. O artigo de Maurício Osório Krebs aborda a fixação das histórias da literatura brasileira na paisagística (a “cor local”) e como isso influi na avaliação de obras poéticas. Com uma proposta semelhante, Guilherme Zubaran de Azevedo mostra como critérios sociais interviram na avaliação de romances de introspecção dos anos 1930. Ângela Maria Garcia dos Santos Silva trata das fontes utilizadas pelos primeiros historiadores da literatura brasileira e como estas conformaram a constituição do cânone. O artigo de Pedro Mandagará também revisita os primeiros historiadores, abordando como uma desatenção à materialidade da comunicação literária foi por eles cunhada e depois repetida. Cibele Beirith Figueiredo Freitas toma as histórias da literatura de Ronald de Carvalho, Erico Verissimo e Carlos Nejar, analisando a constituição interna dessas obras.

Um terceiro grupo trabalha com omissões na história da literatura brasileira. O trabalho de Glauciane Reis Teixeira traz à luz a omissão dos poemas eróticos de Bernardo Guimarães na história da nossa literatura. O artigo de Neiva Kampff Garcia compara as diferentes valorações que a obra de Gregório de Mattos recebeu. O artigo de Daniel Iturvides Dutra discute a “invisibilidade” do gênero ficção científica da literatura brasileira. Os três artigos seguintes, de Celso Sisto Silva, Hiran de Moura Possas e Sabrina Schneider, abordam as literaturas popular e oral. Marcela Wanglon toma o livro *Brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva, discutindo a representação da mulher e o lugar desta obra na nossa historiografia literária. Os dois últimos artigos, de Adriana Elisabete Bayer e de Maristela

APRESENTAÇÃO

Kirst de Lima Girola, em parceria com a mesma Adriana Bayer, tratam da questão do negro na literatura brasileira.

Na pluralidade destes dezesseis textos, vemos uma riqueza de abordagens sobre a história da literatura, no geral, e a questão do cânone, em particular. Estimular esta efervescência crítica e a continuidade desta produtiva polêmica é o papel da Revista Letrônica, que foi, aqui, cumprido.

Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Daniela Silva da Silva (Doutoranda – PUCRS)
Pedro Mandagará (Doutorando – PUCRS)

Organizadores do dossiê